

Pioneirismo é destaque na atuação

O Hemocentro de Brasília foi o primeiro no País a fazer exames de Aids. E esse pioneirismo vem marcando seus projetos e pesquisas desde a sua instalação, em 1978. Foi também um dos primeiros a garantir o controle de qualidade do sangue nos processos de doações e o mais incisivo na luta pela proibição do comércio de sangue. Estes esforços, aliados a iniciativas semelhantes de outras fundações, garantiram a inclusão de dispositivo afim na Constituição de 1988.

De acordo com a diretora Maria de Fátima, foi exatamente por falta de autonomia que o hemocentro de Brasília ficou para trás. Mesmo assim, vem primando pela qualidade de seus serviços, garantindo até agora o mais absoluto controle do sangue transfundido nos hospitais do Distrito Federal. Nenhum sangue processado pelo hemocentro provocou contaminação em

pacientes.

Exames — Funcionando desde 1985 em sua nova sede, na Asa Norte, o hemocentro, além de coletar diariamente, pela manhã, o sangue de doadores voluntários, distribui o sangue aos hospitais e centros de saúde da rede. Produz também frações de sangue e seus derivados. Os hospitais consomem cerca de 30 mil bolsas de sangue de 400 ml por ano e deste total 60 são coletados pelo hemocentro.

O controle de qualidade deste produto é feito através de laboratórios específicos do próprio hemocentro. Entre os principais exames, estão os que detectam a doença de chagas, sífilis, hepatite e os de Aids. O seu laboratório para os exames da Aids é um laboratório de referência, sendo o único público no DF a contribuir para o diagnósti-

co da doença. O sangue é submetido ao teste Elisa, para triagem, e ao teste W - Blot, que confirma a presença do vírus HIV. Quando detectado algum caso da doença, o produto é descartado, enquanto o hemocentro inicia o trabalho de orientação do doador.

Dentre os concentrados de sangue que a entidade produz estão os de hemáceas, de plasma, de plaquetas e os de crioprecipitado. Eles produzem ainda hemoderivados como a albumina, que é utilizada no tratamento e recuperação de pacientes renais e com grandes queimaduras. A fundação gasta hoje cerca de US\$ 1,2 milhão na compra de albumina, o que poderá ser destinado, dentro de algum tempo, para pesquisas e outros projetos. É que um dos objetivos da nova fundação é aumentar a produção deste produto de 600 frascos para mil e 200 frascos por ano.